

**“Das lutas coletivas à emancipação”**

**CRESS-SP**  
GESTÃO AMPLIAÇÕES  
2014-2017

## **Nota do CRESS-SP em repúdio à Cultura do Estupro**

Frente aos últimos acontecimentos envolvendo situações de estupro coletivo, o Conselho Regional de Serviço Social - 9ª Região/SP vem a público manifestar solidariedade à adolescente, e a todas as mulheres que já sofreram estupro ou qualquer outra forma de violência.

Apesar de tratar-se de uma situação específica, que comoveu redes sociais e manifestações de apoio e solidariedade por todo o país, sabemos que as inúmeras violências contra as mulheres são históricas e, por vezes, banalizadas pela cultura do machismo e patriarcado consolidadas nesta sociedade em seu processo histórico, social, cultural, econômico e político.

A prática do estupro marca a sociedade brasileira desde a invasão liderada pelos colonizadores europeus que aqui invadiram, assassinaram e estupraram as mulheres, homens, idosos e crianças indígenas. Resguardando as particularidades, também se reproduziu com as mulheres negras escravizadas.

Apesar de reconhecermos os avanços legislativos alcançados nos últimos tempos em relação a nós, mulheres, como foi o caso da Lei Maria da Penha, ainda não foi possível romper com as práticas de violência que circunscrevem o universo feminino, principalmente a sexual.

Por vezes, essas práticas ocorrem de forma velada, a tal ponto que as próprias mulheres vítimas de violência sexual praticada por namorados, esposos, pais, padrastos, tios, vizinhos, entre outros, não encontram apoio. Contraditoriamente, a culpa é constantemente imputada às mulheres. Medo, vergonha e ausência de apoio transforma o estupro, como relatou a adolescente, “numa dor que dói na alma”.

Não existem remédios para as dores que atingem o corpo e marcam a subjetividade. Porém, existem possibilidades de conviver com elas, transformá-las em ações que produzam movimentos para que outras mulheres não venham a passar por isso. Todas as mulheres estão expostas à situações como essas, uma vez que a cultura do estupro está presente na sociedade. Portanto, o estupro coletivo não diz respeito só a uma mulher, mas a todas nós que, diariamente, passamos por situações que nos expõem ao medo, ao abuso e ao tratamento como objeto, como coisa.

O Estado e a Sociedade, para além das mulheres, precisa se organizar politicamente para construir meios de enfrentamento a essa sociabilidade cuja mediação reproduz a

**“Das lutas coletivas à emancipação”**

**CRESS-SP**  
**GESTÃO AMPLIAÇÕES**  
**2014-2017**

coisificação e ao mesmo tempo o estranhamento que nos retira a humanidade e nos transforma num objeto para ser usado como se fossemos uma mercadoria.

Nós assistentes sociais registramos todo nosso repúdio à prática do estupro coletivo, e a toda e qualquer forma de violência contra meninas, adolescentes e mulheres.

Lutamos por uma sociabilidade que garanta a equidade entre homens e mulheres, suprimindo toda desigualdade, subalternidade e opressão binária, sexista, machista, lesbofóbica e transfóbica.

São Paulo, maio de 2016.

**Gestão Ampliações: Das Lutas Coletivas à Emancipação (2014-2017).**